

OLHARES SOBRE O “SERTÃO BRAVO, BRUTO E DISTANTE”: As experiências de Henry Koster nas veredas das capitanias do Rio Grande do Norte e Pernambuco (1809v -1818)

André Ipoema da Silva Domingos

RESUMO:

O trabalho “Olhares sobre o ‘Sertão bravo, bruto e distante’: as experiências de Henry Koster nas veredas das capitanias do Rio Grande do Norte e de Pernambuco (1809-1818)” investiga as experiências deste cronista a partir de suas viagens pelos sertões do antigo norte no recorte histórico citado. Ao considerar o gênero “Literaturas de viagens” como importantes meios de estudos sobre a América portuguesa dessa temporalidade, a obra “Viagens ao nordeste do Brasil” (Koster, 1942), é examinada enquanto fonte histórica a contribuir para o desenvolvimento desta pesquisa. Assim, busca-se trabalhar as experiências de Koster no antigo norte e problematizar as noções de deslocamento e exercício da alteridade considerando as suas concepções sobre o multifacetado conceito de sertão a partir da abordagem da Micro-História.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade. Literatura de viagem. Olhares. Sertão.

VIEWS ON THE “WILD AND DISTANT SERTÃO”: Henry Koster’s experiences in the trails of the captaincies of Rio Grande do Norte and Pernambuco (1809-1818)

ABSTRACT:

The work “Views on the ‘Sertão, rough and distant hinterland’: Henry Koster’s experiences on the trails of the captaincies of Rio Grande do Norte and Pernambuco (1809-1818)” investigates the experiences of this chronicler based on his travels through the hinterlands of the former north in the aforementioned historical context. Considering the genre “Travel literature” as an important means of studying Portuguese America in this period, the work “Viagens ao nordeste do Brasil” (Koster, 1942) is examined as a historical source to contribute to the development of this research. Thus, the aim is to work on Koster’s experiences in the former north and to problematize the notions of displacement and the exercise of otherness, considering his conceptions on the multifaceted concept of Sertão from the Micro-History approach.

KEYWORDS: Otherness. Travel literature. Views. Sertão.

Introdução

Os olhares sobre os sertões do antigo norte eram carregados de concepções a partir de um imaginário social. Um novo mundo, uma terra seca que mal chovia, uma cultura diferente enquanto enigma a ser desvendado pela Europa ocidental. Se pensarmos o sertão enquanto um alvo de projetos, passaremos a problematizar as tantas e tantas andanças feitas pelas terras em busca de riquezas naturais e conhecimento sobre as populações presentes e aquelas terras distantes. É justamente nessas primeiras décadas do século XIX que, sem a possibilidade de ir a outros lugares escolhidos da Europa¹, e aproveitando para curar-se de problemas respiratórios, que o comerciante inglês Henry Koster desembarca na capitania de Pernambuco por volta de 1809.

É lícito dizer que Henry Koster, mesmo nascido em Portugal (o que facilitou sua comunicação nos sertões) era, culturalmente falando um “produto inglês”, ou seja, suas formas de se expressar, costumes, e o fato de ser anglicano, foi tudo moldado na Inglaterra. Começando a viajar pelos interiores das capitanias do antigo norte, Koster começava a relatar em seus diários aspectos interessantes sobre as relações sociais e as terras visitadas, assim, através dessas anotações, ele construiu um material riquíssimo a respeito dos seus deslocamentos, das populações sertanejas, e do exercício da alteridade, material este, que em 1816, seria publicado em forma de livro sendo chamado “Travels in Brazil”, uma escrita do gênero “Literatura de viagem”², moldado junto as experiências de Koster, forjado no calor, nas viagens e nas relações com os povos sertanejos.

¹ Devido ao embargo imposto por Napoleão, no contexto das guerras napoleônicas, muitos países europeus não tinham como fazer comércio com a Inglaterra, assim como os ingleses não conseguiam chegar a determinados países europeus. Daí a dificuldade de Koster em se locomover.

²

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Contextualização literária feita, a versão da obra que será analisada através desta pesquisa será “Viagens ao nordeste do Brasil” (Koster, 1942). Escolhi especificamente essa versão por já ter uma tradução do século XX, mais próxima da nossa forma de se escrever, pensar e falar a língua portuguesa, cabível de problematizações em relação à termos utilizados e determinismos construídos em sua tradução, além do fato de ter sido a primeira versão desta obra que tive contato em meus processos de heurística. Partindo dessas questões, torna-se fundamental a adoção de uma abordagem metodológica que me forneça um arcabouço teórico na tentativa de esmiuçar perspectivas e escolher as lentes adequadas em relação ao olhar, assim como o gato que observa atentamente cada movimento de um novelo de lã, assim como alguém que sobe um serrote para ver o sol nascer, digo, se faz necessário partir de uma vivência humana específica para pensar nas concepções experienciadas nesses sertões.

Ao encarar “Viagens ao nordeste do Brasil” enquanto uma fonte histórica, oriunda de uma travessia de um ator social específico e suas nuances e sensações sobre o que experienciava nessas relações intersociais, tomo uma decisão: opto pela Micro-história como abordagem metodológica. Reduzir a escala do meu olhar ao olhar do cronista, ao olhar do sertanejo que observa o viajante com estranheza (o que é uma ação recíproca), permite o exercício da alteridade a partir do momento que considero que Henry Koster é um europeu ocidental atravessando sertões, sensações e construções sociais por ele nunca vivenciadas antes. E nessa troca de energias entre cronista, sertanejos e sertanejas, literaturas e experiências, entendo que esse micro-organismo literário, que são os relatos de Koster através de suas andanças, e ele próprio, sejam importantes para problematizarmos algo muito maior do que Koster, do que eu que escrevo, e do que você, que agora ler este trabalho, já deve estar imaginando: um sertão “arrudiado”³ de experiências ímpares.

³ Expressão linguística muito utilizada em alguns estados brasileiros para se referir a algo que está cercado, recheado ou cheio.

O Sertão e o olhar

“(...) o micro-historiador examina “uma gota d’água para enxergar algo do oceano inteiro.” (Barros, 2007, p. 170).

O pequeno, o grande, os vermes, as variadas maneiras de se construir as formas do queijo a partir da ideia de que tudo provém do caos, de uma existência em ciclos que parte de algo já existente⁴. Escolher olhar para, e como olhar para, se torna imprescindível nos processos de heurística de qualquer historiador disposto a mergulhar nas linhas emaranhadas de uma literatura de viagem construída em plena travessia errante. Henry Koster, ora discursando sobre seu estado de saúde, ora argumentando a partir do que ouvia da América portuguesa nos interiores e metrópoles inglesas, demonstra um interesse pela estranheza, uma intenção de se jogar em lugares nunca antes adentrados por ingleses ocidentais anglicanos.

É a partir de um dos primeiros trechos de “Viagens ao nordeste do Brasil” que passamos a considerar a trajetória de Koster além do atlântico na intenção de mudar os rumos da sua própria vida. Sendo considerando um senhor de idade no auge dos seus vinte e cinco anos, o ar, a terra e o calor tropical salvariam este inglês da morte antes mesmo de embrenhar-se sertões adentro, em uma travessia também pessoal: sobreviver aos balanços traiçoeiros dos mares raivosos, curar-se dos pulmões e se adaptar ao sertão. Era Koster um micro-organismo a vagar pelas vastas entranhas multifacetadas do organismo pluricelular sertanejo.

Se minha saúde não tivesse exigido uma mudança de clima, não teria talvez cedido tão depressa ao desejo, frequentemente confessado, de deixar por algum tempo a Inglaterra. Julgou-se de conveniência que partisse imediatamente, e como os portos d'Espanha e Portugal estivessem fechados aos suditos britânicos, por efeito das circunstâncias sobrevindas na situação política desses dois países, minha escolha recaiu no Brasil e os meus amigos concordaram. (Koster, 1942, p. 29).

⁴ Uma referência ao livro “O queijo e os vermes” (Ginzburg, 2006).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Não foi a América portuguesa a primeira opção do errante em questão, porém nenhum verso histórico produzido pela poética da alteridade é por acaso. Em pleno século XIX, as duas primeiras décadas do século, marcada por revoluções, dissidências e ideias de um império, as relações econômicas e sociais estavam a mudar. Iria Koster tentar fazer a vida em novas terras? Essa é uma questão interessante a ser problematizada, já que, ainda em seus momentos de recuperação da saúde, já em solo sertanejo, Henry Koster já demonstrava interesse em saber mais sobre as rotas comerciais existentes naquele novo mundo. É em 1810, em meio a um severo período de estiagens, que Henry Koster a pé, de barco e a cavalo começa suas travessias geográficas e sociais. Havia coragem e interesses econômicos, além de uma grande vontade de conhecer os seres vivos daqueles sertões mais de perto.

A partir dessas experiências sociais, um pilar da nossa problemática será discutido nesta pesquisa: qual a concepção de sertão para Koster? Leva tempo. Em quase dez anos de travessias, entre idas e vindas, Koster viveu o sertão das secas, dos rios encantadores, das festas religiosas, das estranhezas religiosas, em contato com uma população majoritariamente de influência apostólica católica romana. Enveredando pela abordagem da Micro-História, podemos inferir, por meio da fonte, que muitas dúvidas cercavam o imaginário deste inglês, desde as articulações comerciais, desde as formas de socializações, como as festas religiosas por exemplo.

Na Quinta-Feira Santa, acompanhado por dois patricios, saí pelas tres horas para ver as igrejas que, são nessa época, bem iluminadas e perfeitamente ornamentadas. Toda a cidade estava em movimento. As mulheres todas, da alta e baixa sociedade, enchiam as ruas pelas tardes, a pé. contrariamente ao uso local. Muitas estavam vestidas de sêdas de varias côres e cobertas de correntes de ouro e outras bugigangas, e em geral expunham tudo que de mais fino tinham podido reunir. (Koster, 1942, p. 47-48).

O interesse de Koster em conhecer as igrejas demonstra uma curiosidade em saber como eram os rituais católicos naquelas regiões distantes do litoral. Faz-se uma descrição das mobilidades sociais executadas pelos sertanejos, e podemos ver a partir desses relatos, um sertão colorido de pessoas, ornamentos e sedas. É

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

interessante a presença da frase “contrariamente ao uso local” no relato acima, já que no antigo norte a presença do couro era muito gritante gerando uma certa dúvida ao olhar estrangeiro. Porém, levando em consideração que o trecho literário trata de uma quinta-feira santa, podemos apontar para um sertão que estava em festa, daí, tanto brilho e cores por todas as partes. Koster estava a experienciar a semana santa de uma forma diferente. Levando essas questões em consideração, a abordagem da Micro-História nos permite examinar essas pequenas sutilezas, pessoas em meio a uma gama variedade de diversidades. As travessias de Koster começavam a transcender as geografias físicas, era preciso falar, relatar, narrar, e se tornava cada vez mais presente aquelas cores e tecidos variados a enfeitar os sertões em festa.

As narrativas do Koster ao serem transformadas em escrita durante seu estado de errância, vão além da descrição da terra, flertam diretamente com a experiência que se faz necessária através do seu deslocamento e olhar. Buscar entender o outro, o ambiente social e as formas que o moldaram fazem parte dos alicerces subjetivos da alteridade. Seja vendo semelhanças ou estranhezas, pontes ou obstáculos, o errante e o sertanejo estavam imersos nas engrenagens sociais daquele organismo chamado sertão. As rotas comerciais, os atalhos da terra e das linguagens exercitadas por estrangeiro e sertanejo, os cheiros, as texturas, além é claro, de viver aquilo que, no ano de 1810 varria a longa existência dos sertões do antigo norte: as severas estiagens.

As secas nos sertões são relatadas por Koster de forma contundente, sem nada lembrar o sertão colorido da semana santa por ele vivida. A aridez, a esterilidade da terra, a falta de água se torna quase dominantes na escrita do inglês. Aqui há dois pontos interessantes, em primeiro lugar: o comércio, o acesso aos engenhos e o próprio descolamento eram comprometidos, e movendo-se de água em água, tornava-se um desafio adentrar os sertões. Em segundo lugar, Henry Koster enquanto um sopro de existência a anotar o que via, enriquecia a sua

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

experiência nos sertões de uma forma trágica. Ao ver o gado morrer de sede, famílias sofrerem por falta de recursos e ele próprio sentir na pele a desproporcional força daquela natureza, percebia que estar e ser sertão era muito mais do que cavalgar atrás do gado ou apenas ter nascido por lá. Estar, ser e pertencer ao sertão era adaptar-se ao inconstante, era aprender a andar pisando na poça da água quando chovia, era saber para onde ir quando aquela mesma poça de água chegava ao seu fim.

Olhando de forma micro para “Viagens ao Nordeste do Brasil” notaremos imprecisões interessantes. Ora o sertão é colorido, é lugar de beleza, em outros momentos, é um lugar de sofrimento, com alarmantes faltas de recursos básicos para sobreviver. Quanto mais consideramos os deslocamentos e o ator social em questão, veremos que a constância da alteridade se fez fundamental no desenvolvimento desta literatura de viagem. Foram cerca dez anos de travessias, então, nos períodos chuvosos, Koster simplesmente poderia mudar a sua opinião sobre as mesmas terras visitadas de acordo com as questões climáticas, por exemplo. É lícito pensarmos também que esse tipo de “imprecisão” é uma concepção do leitor ou leitora, pois estamos a ler, a buscar representar, interpretar sentimentos e vivências a partir de um livro de duzentos anos de idade, assim, podemos cair na armadilha de exigir uma narrativa macro, sequenciada, linear e lógica de um sertão do antigo norte que chovia depois não chovia e depois era tudo festa. Se faz necessário olhar de forma mais apurada, buscar entender que a experiência varia, cresce ou encolhe, se reinventa dentro dela própria a depender do ator social que se arrisca ou regride dentro da inconstância, da imprecisão que é lançar-se ao desconhecido que pode ser dúbio.

Uma vez que a Micro-História trabalha muito com as contradições dos atores sociais a serem investigados, com os discursos subjetivos, falseados e dialógicos, trazer estas subjetividades, estes falseamentos, este dialogismo para a superfície do texto final do historiador é uma possibilidade muito rica. (Barros, 2007, p. 177).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

É preciso ressaltar que, aqui não pretendo apontar de forma alguma, Henry Koster enquanto uma falsa escrita ou retórica, pelo contrário! Acredito que, assim como aponta José d'Assunção Barros⁵, cabe ao ofício do historiador problematizar as particularidades em busca de se montar um quebra-cabeça narrativo para se analisar o objeto, a problemática e as considerações dentro de uma pesquisa. Aqui, os relatos e experiências de Koster são as peças que juntas ajudam a reconstituir um quebra-cabeça maior (que são as concepções de sertões criadas) que nos proporciona uma leitura específica a respeito daquelas travessias.

Ao considerarmos as subjetividades presentes em cada peça desse quebra-cabeça, poderemos analisar o porquê de cada peça ter o seu formato específico, aquela cor específica e o que aquela peça em si representa para aquela trajetória tocada pelas relações, estranhezas e construções de vínculos. É preciso entendermos que Koster era uma dessas peças, que sendo encaixada dentro dessa feitura, cumpre o seu papel, escreve em seu papel linhas tênues e entrelaçadas a partir do olhar de dentro do longo horizonte sertanejo a atravessar as experiências de vida quem ousava respirar o sertão.

Problematizando então esse longo horizonte chamado de sertão, uma perspectiva atenta irá além das securas da terra e do olhar. Descrever, viver e se sentir tocado pelas consequências arrasadoras das longas estiagens era um ponto em comum entre um homem europeu ocidental branco e de pouca idade, e crianças, idosos (as), mulheres e homens sertanejos que colocavam à prova a sua própria existência no antigo norte. Vereda por vereda, as situações eram ímpares, porém, semelhantes dentro de uma ótica mais pessimista. O que para Henry Koster era um mundo caótico a parte, que em nada lembrava a sua pátria cultural, para os próprios habitantes dos interiores daquelas capitanias era uma “travessia”, ou seja, havia

⁵ Historiador e musicólogo que atua como professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). A obra “Sobre a Feitura da Micro-História” (2007) é uma importante leitura a respeito da dinâmica da micro-história.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

ciclos de estiagens e ciclos de chuvas, não havendo como saber quanto tempo duraria cada um. Mas uma coisa era certa: a extensão, ou seja, a experiência de viver um ciclo desses, seja ele qual fosse, era algo esperado por cada par de pulmões que inspiravam, além do ar quente sertanejo, uma brisa de esperança.

Analisando a escrita de “Viagens ao nordeste do Brasil” a partir de um olhar direcionado às subjetividades alicerçadas nas vivências e alteridade, podemos construir uma linha de raciocínio baseada nas pausas. Assim como nas dinâmicas musicais, onde o instrumentista, além de respeitar na teoria e prática cada pausa, e precisar respirar para executá-las, é preciso considerar uma parte fundamental: a contagem do tempo. As vezes uma pausa de quatro tempos é mais viável do que uma de dois tempos, e quem decide isso? O compositor, o construtor da partitura, e a própria música em si.

Sendo a narrativa histórica comparada a uma música, com causas, inícios e desenvolvimentos, assim como um processo de escrita de uma literatura de viagem, o sertão era o maestro, os sertanejos e sertanejas os músicos/instrumentistas e Koster, além de demonstrar interesse em viver e entrar para essa orquestra, queria ser compositor e conseguiu a sua maneira, com interpretações, partituras e linguagens suas, solfejando notas, anotando arranjos, assim como um músico a contribuir para uma partitura musical. Ao entrar e sair dos bravos sertões que também o observavam, gerava frutos, em uma espécie de ovulação literária.

Deixara o Sertão e, embora tivesse sofrido, sempre desejei regressar. Tenho um certo prazer em descrever e viajar em novas regiões e esta parte do território que atravessara era desconhecida para qualquer inglês. Pelas sensações pessoalmente sentidas, imagino quanto agrada ao viajante nessas zonas inexploradas o encontro de novidades ao primeiro olhar. (Koster, 1942, p. 202-203).

A frase “Ao primeiro olhar” no fragmento acima pode ser contextualizada dentro da ideia da Micro-História enquanto uma abordagem de estudos sobre a literatura de viagem. Olhar o que está dentro, o que vem de fora, as influências e

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

vínculos sociais desenvolvidos dentro dessa dança que é a redução de escalas de pesquisa, pode nos proporcionar trilhas investigativas muito pertinentes. Ao decorrer deste trabalho, abordei travessias, contatos, relatos, e de certa forma, imprecisões a respeito das vivências de Henry Koster nos sertões. Viajante este que cruzou cada gota de água do atlântico para relatar a quase inexistência de gostas de água no sertão, mesmo este sendo “arrudiado” por rios lindos e imensos, longo a ponto de quase não se ver o horizonte, sabendo que em algum lugar havia uma tira⁶ de litoral, uma pequena linha a separar a vastidão do mar e a imensidão do desconhecido que era o sertão.

Não havia como este inglês sair ou entrar nesses sertões sem ser tocado pelo que viveu, viu e ouviu. Assim, passamos a nos perguntar: e o sertão saiu dele? A prova cabal para esta resposta é confirmada através da publicação de “Viagens ao nordeste do Brasil” em quanto livro, no fato de Koster assumir o comando de um engenho e passar a residir por um tempo neste local, e pelo fato de (esse para mim é um das mais interessantes), o nome “Henry Koster” ter sido reformulado a partir das convivências sociais enquanto “Henrique da Costa”, o que foi bem aceito pelo viajante que, nascido em Portugal, criado culturalmente na Inglaterra anglicana, e convivido grande parte da sua vida na América Portuguesa (uma terra majoritariamente apostólica católica romana), agora possuía em seu próprio conceito, em sua pequena existência diante desses mundos tão diferentes, um pedaço do longo sertão dentro do seu universo particular.

Considerações finais

Analisando a trajetória de Koster sertões adentro através do exercício da alteridade, seus processos de deslocamento e construção de vínculos, podemos inferir, por meio de suas concepções presentes em seus relatos escritos, várias nuances para o conceito de sertão. A semana santa deixava o sertão colorido, com as

⁶ Expressão linguística bastante utilizada em vários estados brasileiros para se referir a algo fino, estreito, que é uma fatia ou que mesmo sendo pequeno, divide coisas grandes.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

pessoas em movimento contínuo pela sociedade, com roupas de sedas coloridas. Textura por textura, de cor em cor era tingido o sertão. Já as secas tornavam-no um lugar de sofrimento, cinza, de fazer água escorrer e cair dos olhos e não das nuvens, fazendo a vida quase impossível, adoecia as defesas do organismo do sertão.

Já os rios que cruzavam a corrente sanguínea das veias sertanejas eram magníficos, azuis, velejáveis, quase uma miragem aos olhos de quem os alcançava. As pessoas eram cristãs, mas um cristão diferente, que se batizava de forma diferente, que em quase nada lembravam os cristãos ocidentais europeus parecidos com Koster. Havia rotas comerciais, dificuldades de deslocamento, animais selvagens, mas também bravura nas mulheres e homens que ali viviam. Havia essência humana nos sertões, havia colheita, grãos, cheiros, texturas e calor o suficiente para as plantas sobreviverem. Era Koster um micro-organismo literário atuante na escrita das correntes sanguíneas do antigo norte nas primeiras décadas do século XIX, tornando-se um graveto no bico do anum⁷ a vagar em busca das experiências de se estar vivo naquele tempo multifacetado, naquela imensidão de possibilidades.

Assim, observando “Viagens ao nordeste do Brasil” e analisando-a a partir de um olhar da Micro-História, podemos dizer que é uma rica escrita a reunir em sua conjuntura, uma trajetória de um viajante disposto a criar para si o desafio de existir, tocar e ser tocado socialmente e narrar, a partir da alteridade, concepções sobre aquilo que descia os vales, cobria os rios, banhava as retóricas mais diversas e se alongava perante a existência humana, de forma macro, mas também de forma micro, assim como uma célula humana, estava o sertão por todas as veredas orgânicas e literárias das histórias ali construídas.

⁷ Referência à música “Jardim das acácias” do artista Zé Ramalho. (1976).

REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína Passos. Região, Sertão e Nação. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15. 1995.
- BARROS, José D'Assunção. Sobre a feitura da micro-história. **Opsis**, v. 7, n. 9, p. 167-186, 2007.
- BONATO, Tiago. **O olhar, a descrição: a construção do sertão do nordeste brasileiro nos relatos de viagem do final do período colonial (1783-1822)**. 2010. 190 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.
- COSTA, Raíssa Barbosa da. Henry Koster, um anglicano no sertão do norte oitocentista. **Mnemosine Revista**, Campina Grande, v. 2, n. 2. p. 92-103, 2011. Disponível em < <https://mnemosinerevista.com/index.php/revista> >. Acesso em 04 out. 2023.
- CUNHA, Paula Cristina Ribeiro da Rocha. Apontamentos teóricos sobre Literatura de Viagens. **Caracol**, São Paulo, n. 3, p. 152-173, 2012. Disponível em < <https://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/57686> >. Acesso em 13 set 2023.
- ESPADA, Henrique Lima; LIMA FILHO, R.; LIMA, Espada. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2006.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. Editora Companhia de Bolso. 2006.
- GONÇALVES, Lucas Cairê. Micro-História e seus usos: relatos de viagens como fontes historiográficas. **História: relações de poder, cultura e representações**. Maringá, 2023.
- KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. 12 ed. Vol 1. Trad. de Câmara Cascudo. Rio, São Paulo, Fortaleza: ABC Editora, 1942.
- LAHUERTA, F. Medeiros. Viajantes e a construção de uma ideia de Brasil no oco da colonização (1808-1822). Scripta Nova. **Revista eletrônica de geografia y ciencias sociales**. Barcelona: universidad de Barcelona, 2006.
- LEVI, Giovanni. **O pequeno, o grande e o pequeno**: Entrevista com Giovanni Levi. **Revista Brasileira de História**, v. 37, n. 74, p. 157-182, 2017.
- NICOLAZZI, Fernando. François Hartog e o espelho da história: o outro e o tempo. **O futuro da história: da crise à reconstrução de teorias e abordagens**. Vitória: Editora Milfontes, 2019.
- PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Autêntica Editora, Belo Horizonte, 2008.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

SANTOS, Evandro; MACEDO, Helder; ANDRADE, Joel. A história dos sertões em novas perspectivas: contribuições para construção de um campo de pesquisa. In: MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de (Org.). **Fazendo ciência nos sertões: experiências e idealizações no Seridó**. Sobral, CE: Sertão Cult, 2023.

THOMPSON, Eduard Palmer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Organizadores Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Editora da Unicamp. Campinas, 2001.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade